

Decálogo de tradutor

Em homenagem póstuma a Jorge Wanderley, publicamos aqui o seu decálogo de tradutor

Jorge Wanderley (ex-UERJ)

1 – Mau tradutor: aquele que parafraseia quando deve traduzir e traduz quando deve parafrasear. Por exemplo, pois há muitas outras maneiras de ser um mau tradutor.

2 – Tudo no poema se harmoniza: som, ritmo, tensão, rima etc.. O ideal, para mim, é me aproximar, no texto traduzido (TT), de cada um desses itens do texto original (TO). Ver o poema original e o traduzido como uma pedra ou uma peça ou gema. Atentar para coloraturas, pausas respiratórias, inflexões. Por exemplo: decassílabo é decassílabo, não é dodecassílabo. O dodecassílabo em português é um cidadão de gravata que parece frouxa muito facilmente. Vai se comparar mal com um original de dez sílabas. É como o som de uma sonata para violino e piano coisa muito diferente do som que vem de um trio e muitíssimo diferente do som que vem de um quarteto. E há sons diferentes na mesma família: o som do Quarteto Italiano é diferente do som do Quarteto Amadeus. Assim como toda garganta é diferente. Assim como a garganta na raça negra, aprendemos na anátomo-fisiologia, anatomicamente igual à dos brancos e amarelos é, no entanto, capaz de um som peculiar, inigualável. Com o verso se dá a mesma coisa. Quanto mais perto estivermos do som, ritmo, inflexões, pés tônicos etc., tanto mais provável que o resultado seja bom. Mas é preciso não sacrificar a deus nenhum o poder de fluência e naturalidade do verso na língua de chegada. E não cometer escândalos, como rimar Freud com celulóide. (Já vi isso em alguma parte.) O bom-senso é a mãe de todas as coisas. Em arte, seu nome é estética. Lembrar o soneto XXX, de Shakespeare e suas oclusivas que encantaram Proust.

3 – Humildade: há momentos em que você sente a fragilidade do original. Não faça por melhorá-lo. Silêncio. Como no conselho de Silvio Rabelo: “Menino, não invente nada: COPIE!”

4 – A primeira obrigação de um tradutor é conhecer MUITO bem a sua própria língua, ter dela a intuição e a amplidão de recursos. Nenhuma tradução interessa se não flui bem ou se está em português errado, mesmo que o erro seja minúsculo. Certamente não terá havido erros nem minúsculos nem maiúsculos no original. Se você não é um escritor tão capaz e forte em sua língua quanto o autor do texto original é na dele, o desastre é provável e a mediocridade é certa.

5 – O conhecimento da língua original é também importante, mas é ainda mais importante ter a INTUIÇÃO desta língua. O que tem muito a ver com o instrumental de suspeita, que todo bom tradutor leva na cintura como uma arma.

O domínio de mais de uma língua – o domínio, não, que nunca existe como tal – mas o convívio, digamos, com mais de uma língua é utilíssimo. Cada uma delas fornece material para a outra, dirime dúvidas, esclarece raízes que permitem chegar à certeza. Pudessem os tradutores começar a vida pelo latim, pelo grego... Uma injeção endovenosa é uma barbaridade lingüística que mistura as duas línguas-raiz (endo do grego, venosa do latim). O certo é que a injeção seja intravenosa ou endoflébica. Na prática não tem importância, porque o doente recebe, de qualquer modo, na veia; mas na tradução é pouco provável que o autor do original ignore coisas assim. O autor e os dicionários: sem dicionário, nada!

6 – Traduza o poema que lhe atrai. Muitas vezes seu conhecimento da língua original não será bastante para apreendê-lo todo, mas permite que ele exerça grande atração sobre você. Arme-se e vá lá. É raro que você se decepcione.

7 – Traduzir (poesia, mais que tudo) é negociar. Perder aqui para ganhar ali, fazer uma negociação menor com um verso rípio para para ganhar no verso deságüe que, este sim, não pode deixar de ter força. Algumas palavras brilham como intocáveis no verso, alguns versos como intocáveis no poema. Para esses casos, o poeta-tradutor dá o melhor de si e quando não consegue resultado satisfatório é ali que se sente derrotado e triste. Negocia-se em torno, regateia-se, faz-se quase qualquer negócio para preservar aquela “jóia-maior da gargantilha”, como queria Shakespeare. Onestaldo de Pennafort já disse isso: todo verso tem algo que você não pode deixar de resolver bem. Com o resto você negocia.

8 – Na tradução há sempre muito material de apoio: os dicionários, as traduções para outras línguas, os livros de crítica e até os amigos. Use tudo. Depois, mencione o que usou e seja, no demais, discreto: não fique nas notas, prefácios, introduções, a se gabar, tipo “olha só o que eu fiz e como fui genial aqui”. Isso não interessa. O leitor que merecer o esforço que você fez entenderá sozinho o seu trabalho, seguirá perfeitamente o seu percurso. E o leitor que precise do seu esclarecimento não lhe deve merecer lá muita confiança. Assim, poupe ao primeiro e poupe-se do segundo.

9 – Robert Lowell fez traduções notáveis e nada comentou a respeito. Manuel Bandeira quase não comentou nada. Não se incomode se depois o leitor despreparado cobra de você “notas mais alentadas”. O trabalho da tradução é que é o seu trabalho. Há traduções cheias de muitas notas eruditas que são, enquanto traduções, verdadeiras catástrofes. Concentre sua atenção no texto novo que você está tentando introduzir na sua cultura, na sua língua. Procure conseguir a “tradução instauradora do texto”, portanto. Momentos como o de Portocarrero traduzindo Rostand, e P. E. da Silva Ramos, no Hamlet, devem ser sempre lembrados.

10 – Você, poeta, traduza. Nenhum poeta forte passou ao largo da tradução. Mallarmé traduziu Poe. Baudelaire também. Pound, nem se fala. Drummond

traduziu Chordelos de Laclos e conseguiu um texto lindíssimo. Cabral traduziu poetas catalães, traduziu William Carlos Williams. Sousândrade traduziu maravilhosamente Byron. Machado traduziu Shakespeare – e traduziu Machado. Não há diferença criativa entre poetar e traduzir poesia. Há, na tradução, uma certa projeção sobre uma figura paterna, mas para homenagear – e não matar edipicamente. Laio, aqui, é imortal. Talvez só aqui, na paternidade do texto original.

À guisa de conclusão: Nenhuma série de normas é definitiva e esta nem longe cogita sê-lo. Norma boa mesmo é esta: “Não acredite em normas”. Traduzir é uma forma de “ler melhor”. E toda operação intelectual envolve a questão da tradução. Ler é traduzir para dentro. Escrever é traduzir para fora. O fato de que haja línguas diferentes aí no meio desse caminho não muda nada, senão que obriga a tomar certas providências. A vocação do poético e um pouco de treino, com humildade, deverão ajudar a resolver tudo. Ou quase tudo, o que talvez seja ainda melhor.